

Conhecimento local e meio ambiente: narrativas sobre concepções ambientais construídas a partir do Projeto Quelônios da Amazônia (PQA) – Pracuúba/AP

Local knowledge and environment: narratives about environmental conceptions constructed from the Amazon Quelônios Project (AQP) – Pracuúba/AP

DOI:10.34117/bjdv7n4-174

Recebimento dos originais: 07/03/2021

Aceitação para publicação: 07/04/2021

Márcio Moreira Monteiro

Doutor em Educação em Ciências e Matemática– PPGECEM/REAMEC
Universidade do Estado do Amapá – UEAP
Av. Presidente Vargas 1538-B, central Macapá - AP
E-mail: monteiomm3@gmail.com

Lêda Valéria Alves da Silva

Doutora em Educação em Ciências - UFPA
Sbembio/regional norte
Trav. São Pedro, 638, Campina, Belém - PA
E-mail: leda_valeria@yahoo.com.br

Cristilene de Moura Mendonça

Mestre em Planejamento e Políticas Públicas - UECE
Conselho Estadual de Educação – CEE/AP
Av. Presidente Vargas 1538-B, central Macapá - AP
E-mail: cristimm@bol.com.br

RESUMO

O trabalho apresentado tem como propósito compreender os efeitos que o Projeto Quelônios da Amazônia (PQA) tem no desenvolvimento de concepções ambientais embasadas nos conhecimentos locais e voltadas para uma relação harmoniosa entre homem e meio ambiente. Para tanto, buscou-se na pesquisa narrativa elementos teóricos e metodológicos no intuito de produzir a melhor análise do objeto de estudo, o qual se constitui de narrativas, documentos e imagens coletadas no acompanhamento da execução do Projeto e na convivência estabelecida entre os pesquisadores e membros da comunidade. Os dados foram tratados por meio da análise textual discursiva em um processo de registro, unitarização e reflexão sobre as vozes dos informantes participantes da pesquisa, levando a convicção de que projetos com essa natureza possuem potencial de valorização dos saberes locais, assim como, possibilitam a construção de concepções ambientais mais alinhadas ao respeito pelo meio ambiente.

Palavras-chave: Concepções Ambientais, Meio Ambiente, Saberes Locais, Pesquisa Narrativa.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to understand the effects that the Amazonian Chelonian Project (PQA) has on the development of environmental concepts based on local knowledge and aimed at a harmonious relationship between man and the environment. In order to do so, we sought in narrative research theoretical and methodological elements in order to produce the best analysis of the object of study, which consists of narratives, documents and images collected in the follow-up of the Project execution and in the coexistence established between the researchers and Community members. The data were treated through discursive textual analysis in a process of registration, unitarization and reflection on the voices of the informants participating in the research, leading to the conviction that projects of this nature have the potential to value local knowledge, as well as, Construction of environmental concepts more aligned with respect for the environment.

Keywords: Environmental Conceptions, Environment, Local Knowledge, Narrative Research.

1 NARRATIVA INTRODUTÓRIA: CONTEXTUALIZANDO A TEMÁTICA

A rádio da cidade começa a anunciar um evento de importância ambiental, que acontecerá no dia 04 de junho de 2016, devendo atrair turistas e personalidades políticas do Estado. Como participantes frequentes das atividades do município, recebemos um folder do evento, trazendo o período de realização, seus principais responsáveis e patrocinadores, além de um breve histórico do “Projeto Quelônios da Amazônia” (PQA), uma ação de preservação ambiental.

Ressaltamos que, em outra ocasião, mais precisamente, em meados do ano 2000, estivemos presentes na soltura dos quelônios, e, naquela época, já parecia uma atividade que contava com a intensa participação da comunidade, no sentido de preservação de uma espécie que, embora seja abundante na região, tem diminuído consideravelmente sua população ao longo dos anos (CASTILHOS et.al., 2011).

Antes de falar das observações acerca do assunto, torna-se necessário esclarecer que os quelônios, em especial, a espécie tracajá (*Podocnemis unifilis*), está presente o ano inteiro na Região, porém, é na estiagem, “quando o lago vira campo”, que as fêmeas “sobem” para fazer ninhos e depositar seus ovos, os quais deveriam ser potencialmente novos quelônios. Isso seria a ordem natural do processo, porém, nem sempre é o que tem acontecido. Não nos referimos a ação de outros animais, pois mesmo assim, ainda estaríamos falando do processo natural de sobrevivência da espécie. Falamos da ação do homem, que de maneira predatória, pelo menos em sua maioria, ataca as “covas” em busca de ovos de tracajá, não possibilitando sequer o nascimento dos filhotes o que

provavelmente, aliado a outros fatores ambientais, como a destruição dos aningais, tem gerado sérios prejuízos ambientais, afetando diretamente a sobrevivência da espécie. Seguindo essa linha de raciocínio, Guarim V. (2005, p.9) afirma que,

as atividades humanas parecem ser as causas mais comuns atingindo as comunidades ribeirinhas, isto porque a excessiva pesca predatória e o turismo desorganizado têm levado à alteração de hábitat e à perda da biodiversidade. Algumas das alterações ambientais têm sido consideradas como sendo induzidas pelos homens, por exemplo, a poluição dos rios, o desbarrancamento de suas margens, as queimadas, a diminuição da pesca etc.

Segundo relatos de moradores e de documentos analisados na pesquisa, o Projeto “soltura dos quelônios” é de iniciativa do IBAMA, juntamente com a família Vaz Brito, tendo como principal Coordenador, atualmente, o Sr. Mário Vaz Brito, o qual tivemos a oportunidade de conversar e aprender sobre o assunto. O projeto acontece desde 1981 no lago Pracuúba, com intensa participação da comunidade e tem como missão “promover o fomento, a conservação e a recuperação dos quelônios da Amazônia in situ e ex situ por meio de estruturação de modelos de uso sustentável”. Ainda segundo descrito na programação, a partir da existência do Projeto “foram protegidas 30.388 matrizes (média de 845 matrizes anual) e manejo de 38, 1945 filhotes (média anual de 10.610 filhotes manejados)”(Folder do Evento). A consciência sobre a importância de uma convivência saudável com a natureza é algo que impressiona, o respeito com os animais e a não agressão ao ambiente natural é latente no cotidiano dessas pessoas. Cada um dos organizadores é capaz de explicar o processo de preservação proposto pelo projeto.

No que concerne a Educação Ambiental, é possível observar sua potencialidade junto às novas gerações, considerando a participação de alunos, professores, pescadores, pecuaristas e demais membros da comunidade, movimentando uma gama de conhecimentos que fazem parte do contexto local e que apontam para a construção de referências com capacidade para estabelecer uma via de mão dupla entre o conhecimento vivido e o trabalhado no ambiente escolar, principalmente pelo fato de que

a educação contemporânea precisa ser pensada levando-se em conta as transformações sociais, culturais e subjetivas de nossa era, buscando alternativas para a práxis educativo-social em relação ao meio ambiente, visando a construção de uma consciência ambiental. (PEREIRA; GUARIM NETO, 2009, p. 15)

Para melhor ilustrar a proposta, apresentamos neste trabalho, com fundamento em uma pesquisa narrativa de cunho etnográfico, indicativos que apenas oferecem um olhar,

dentre outros possíveis, acerca das potencialidades do projeto e suas influências na construção de uma Educação Ambiental alicerçada no cotidiano local e nas vivências de seus moradores. Os pressupostos estão entrelaçados em um cenário eminentemente humano, belo e com características peculiares desta região amazônica, região dos lagos do Amapá, ou região dos campos inundáveis do Amapá.

O questionamento central da investigação busca saber em que medida o PQA influencia o desenvolvimento de concepções ambientais embasadas nos conhecimentos locais e voltadas para a relação harmoniosa entre homem e meio ambiente? Bem como, objetiva compreender os efeitos que, este Projeto, têm no desenvolvimento dessas concepções, a partir dos conhecimentos produzidos localmente em busca de uma relação harmoniosa com o meio ambiente. Questiona-se ainda: que concepções ambientais apresentam os membros da comunidade? Como se dá a relação entre o homem local e o meio ambiente? As indagações apresentadas levam a necessidade de identificar as concepções ambientais apresentadas no âmbito da comunidade e analisar a relação entre o homem da localidade e o ambiente em que vivem.

2 DESCRREVENDO OS CAMINHOS DA PESQUISA: A OPÇÃO METODOLÓGICA

A análise que fundamenta os resultados desta investigação se fundamenta na Pesquisa Narrativa tomando como referência Clandinin e Connelly (2011), pois não se teve a preocupação em estabelecer hipóteses pré-fabricadas, como se diz, costumeiramente na academia, a fim de guiar a investigação, e muito menos a intenção de manipular variáveis para controlar fenômenos. A pretensão centra-se em descrever, no melhor sentido proposto por Geertz (2008) tomando emprestadas as ideias de Ryle, de forma densa, as nuances de uma comunidade carregada de saberes e peculiaridades sociais e culturais, em universo único na região amazônica.

O olhar lançado sobre o objeto de estudo tem como fundamento a pesquisa narrativa por meio da análise textual discursiva, valendo-se de um estudo do tipo etnográfico, já que neste caso a finalidade é dialogar com o que se observa (imagens, gestos, documentos) e com as vozes dos informantes participantes para em seguida promover o processo de unitarização e análise dos dados construídos ao longo do processo de pesquisa (MORAES, 2003).

Para a construção dos dados foram utilizadas observações feitas diretamente na comunidade e na culminância do evento, assim como, imagens e entrevistas

semiestruturadas com moradores e organizadores do projeto. Todo o material foi registrado utilizando equipamento multimídia e diário de bordo para anotações.

As narrativas e descrições foram trabalhadas por meio da análise de imagens registradas e vozes dos participantes, aqui denominados como os Senhores Padilha, Francisco, Carlos, Mário, João e Senhora Joventina, que devidamente unitarizadas, tornaram possível a criação de uma trama surgida dentro do caos de informações (CLANDININ E CONNELLY, 2011), propiciando uma visão diferenciada e única da comunidade e do Projeto Quelônios da Amazônia (PQA). É importante ressaltar que a comunidade é considerada tradicional, pois apresenta relação de simbiose com a natureza, conhecendo seus ciclos naturais e utilizando recursos naturais para sobrevivência (DIEGUES et. al., 2000).

3 O INÍCIO DO CAMINHO

O caminho iniciou no momento em que a programação foi recebida, o que despertou imediatamente o interesse em participar da atividade. Em seguida, o convite foi feito ao Sr, Padilha, antigo morador da região, o qual aceitou o desafio e passou a ser guia e informante em todo a trajeto físico e histórico sobre o evento, o que nos deixou mais tranquilos, considerando que o local de culminância do Projeto não é de nosso conhecimento, já que foi modificado ao longo dos anos. Primeiramente, acontecia na sede do município de Pracuúba e posteriormente, migrou para a região da Ponta Baixa, onde acontece atualmente”, segundo informações do morador.

Tomando como referência a capital do Estado do Amapá, Macapá, o município de Pracuúba se encontra aproximadamente a três horas e meia de carro e este foi o nosso primeiro itinerário. A partir daí, seguimos o roteiro de pelo menos uma hora de voadeira, um tipo de embarcação muito utilizada na comunidade. Para tanto, a fim de não corrermos riscos desnecessários fizemos alguns contatos iniciais com moradores locais no intuito de obtermos informações sobre o melhor caminho a ser seguido. Tal preocupação se justifica pelo fato de a paisagem ter se modificado ao longo do tempo, e com isso, propiciando a abertura de novos caminhos e fechando outros por conta da ação do homem e a consequente transformação do ambiente natural.

Com as informações atualizadas, preparamos o material necessário à viagem e partimos rumo ao “Lago da Ponta Baixa”, local de culminância do evento. Saímos por volta de seis horas da manhã, para não perdermos nenhuma informação relevante. Logo

no início do trajeto foi possível observar embarcações indo para o mesmo destino, o que demonstra o prestígio do evento junto aos moradores locais.

O envolvimento da população fortalece o alcance da missão do projeto, uma vez que, a iniciativa passa por um processo de maior divulgação e participação daqueles que diretamente vivem o dia-a-dia do município e sentem os impactos ambientais sofridos nos últimos anos, o que fica evidente no seguinte relato:

“Peixe como pirarucu, tambaqui e outros, tinha muito, agora as redes dos pescadores, geleiros, levam tudo, fica pouca coisa no lago, só piranha e arraia, que também tão sumindo” (Sr. Francisco)

A observação feita pelo informante, demonstra a preocupação com o presente e o futuro da localidade, considerando que os recursos naturais, necessários a sobrevivência dos moradores, cada vez tornam-se mais escassos, visto a ação predatória empregada por atores sociais, que provavelmente desconhecem a importância de uma relação harmoniosa com o ambiente em que vivemos, neste sentido concordo com Pereira; Guarim Neto (2009, p. 25) quando afirmam que:

A sobrevivência das diferentes espécies que abundam o ambiente da floresta é inteiramente dependente do papel que cada uma desempenha nesse ecossistema. O ser humano, enquanto integrante desse bioma, dotado de inteligência e livre arbítrio contribui expressivamente no processo de transformação ou preservação do ambiente.

Pensando por essa lógica, Educação Ambiental e o estabelecimento de uma relação harmoniosa com o meio ambiente, torna-se então uma questão de sobrevivência, pois como diz o morador

“de onde se tira e não põe de volta, a tendência é acabar, e aí como vamos ficar? O governo não olha pra cá, sobrevivemos da caça, da pesca, do que plantamos e do trabalho com o gado” (Sr. Carlos).

A latente consciência da necessidade de estabelecer um convívio menos predatório, tem levado a construção de concepções e práticas ambientais que são passadas de geração a geração, possibilitando ensinar e aprender de maneira contínua e viva, sendo o processo sustentado no cotidiano da comunidade.

4 A TRILHA DA BELEZA LOCAL

Difícil descrever tudo aquilo que foi observado durante o percurso, pensamos mesmo ser impossível traduzir tão belos cenários em palavras, mas fazemos um esforço

no sentido de pelo menos aproximar o relato de tudo que foi visto, ouvido e sentido. Assim, lançamos um olhar sobre o cenário, afinal “[...] a paisagem não é um lugar, mas um olhar sobre o lugar” (DIEGUES, 2000, p. 26). Este parece ser um ponto interessante deste processo de reflexão, considerando o olhar enquanto construtor da paisagem, a qual, nunca é estática, pois está fundamentalmente imbricada em sentidos construídos no contexto de quem olha e de quem experimenta a vida local em toda sua extensão, pois como evidencia Geertz (1997, p. 11) “[...] as formas do saber são sempre e inevitavelmente locais, inseparáveis de seus instrumentos e de seus invólucros”.

A embarcação desliza sobre as águas do lago revelando uma paisagem que aguça a curiosidade, principalmente de quem a visita pela primeira vez, pois são muitas as espécies da fauna e da flora local que podem ser observadas no decorrer da viagem. Mergulhões, garças, marrecas, se alinham em grupos, e com a passagem da voadeira alçam voo para longe de nossa embarcação. Nesta época do ano essas aves são muito comuns na região, com exceção das marrecas que, normalmente aparecem quando as águas estão mais baixas, por volta do mês de agosto e ficam até o início da cheia já no mês de janeiro.

Figura 1 – Embarcação partindo em busca de mais participantes do evento



Fonte: Arquivo dos autores (2017)

O cenário se completa com um grupo de capivaras que atravessam o lago com seus filhotes rumo a um aningal próximo e ainda com a presença de búfalos que se banham as margens do lago em frente as propriedades rurais que se aglomeram no caminho da “terra baixa”. O sol é tão forte, o calor é tão intenso que a paisagem parece

tremular. As margens são cobertas por aningueiras, frutinheiras, andirobeiras e outras árvores que escapam aos nossos conhecimentos, mas que com certeza, fazem o local ser o que é. Simplesmente lindo. Há uma profusão de cores e de cheiros que despertam o interesse em conhecer mais sobre as formas de vida presentes naquele habitat.

São várias interrogações, observações e vivências, porém o êxtase em que nos encontramos é interrompido pela seguinte exclamação: “o lago está secando, está ficando pequeno!”, era o Sr. Padilha apontado para trechos de terra, que segundo ele, não poderiam ser vistos em outras épocas, pois eram cobertos por água. Segue explicando que aquela região sempre foi muito rica em pescado e animais, mas que com o passar dos anos estava mudando suas características; talvez pelas condições climáticas, ou pela ação dos búfalos introduzidos na região, de forma semiextensiva, por volta dos anos de 1970 e que seguem em uma crescente de forma desenfreada. O fato é que não se sabe ao certo o que tem causado tal fenômeno, mas seus impactos passam a ser evidentes na relação da comunidade com a natureza.

5 ENFIM CHEGAMOS À TERRA BAIXA

A chegada ao local do evento não é menos impressionante, sendo possível avistar embarcações ancoradas próximas a tanques de peixes feitos dentro do próprio lago, constituídos de um sistema de redes emaranhadas. O pescado, principalmente o tambaqui, serve para o consumo da família e também para o comércio na sede do município, propiciando uma economia de subsistência familiar, algo muito característico pelas bandas de cá.

Figura 2 – Visão frontal do local do evento



Fonte: Arquivo dos autores (2017)

A família do Sr. Mário, mora nesta ilha, em uma pequena propriedade construída em madeira, e amparada pelas sombras das árvores que circundam a moradia. Como é um dia de festa, é possível observar intensa movimentação, inclusive de políticos locais e uma rede de televisão da capital que faz o registro das ações desenvolvidas durante o dia, abordando aspectos superficiais do momento. O Coordenador do Projeto explica todo o procedimento proposto na ação, passando pela identificação e proteção das covas dos quelônios, até o nascimento e soltura:

“Este trabalho começou com meu pai e aí resolvemos dar continuidade e me sinto muito gratificado em realizar”

“O trabalho não começa agora, a gente vem fazendo durante o ano todo, identificando e protegendo as covas, cuidando dos pequenos, até chegar no momento da soltura, e isso, vamos passando para os mais novos, para dar continuidade na preservação”.

As indicações sobre os procedimentos adotados na aplicação do projeto confirmam a descrição feita no folder de divulgação:

“O Projeto Quelônios da Amazônia - PQA é uma semente de proteção da natureza. A incorporação das suas ações de Educação Ambiental abordando temas transversais de conservação dos quelônios, buscam sensibilizar a classe estudantil da necessidade de conservação da espécie faunística. Esse trabalho é realizado através de reuniões, seminários e palestras nas comunidades, tendo como público alvo: alunos, professores, pescadores, agricultores, pecuaristas [...]”

Explica ainda a necessidade de conviver em harmonia com a natureza e que fundamentalmente, possuem consciência da importância do lago e de todas as suas riquezas para sobrevivência da própria comunidade.

“O trabalho que faço me dá grande satisfação e procuro repassar isso para os mais jovens, o lago é nossa fonte de sobrevivência”.

Figura 3 - Coordenador do evento demonstrando os filhotes de tracajá



Fonte: Arquivo dos autores (2017)

O conhecimento das características específicas do município torna-se imprescindível a execução e sucesso do Projeto, por este motivo, pessoas que antes empreendiam uma verdadeira *caça ao tesouro*, em busca de covas de tracajá, apenas para alimentação, passaram a trabalhar na proposta, ajudando a identificar os locais de desova e a preservação dos filhotes. Este é o caso de um rapaz que tivemos oportunidade de conversar, exímio conhecedor dos locais de desova e capaz de identificar uma cova de tracajá estando montado em um cavalo.

“Eu consigo ver uma cova de longe, e sei que lá tem ovos de tracajá, fazia isso só pra comer, ainda como, mas agora ajudo também no projeto, na preservação, pra não faltar” (Sr. João)

Por óbvio, não existe uniformidade quando se fala no trato com o meio ambiente e relações ecológicas estabelecidas, então, certamente, o convívio harmonioso nem sempre foi a tônica dessa relação, “[...] mas mesmo que certas práticas tradicionais tenham causado danos ao meio ambiente, não é uma razão para não se interessar pelas que mostram um imenso saber” (ROUÉ, 2000, p. 74).

A fala deixa evidente uma mudança de atitude em relação ao meio ambiente, pois a necessidade de sobrevivência estimula a preservação das espécies. Neste caso não se imagina uma natureza intocada, desconectada do convívio humano, mas sim, deixa em aberto, a possibilidade de um convívio que seja menos agressivo ao ambiente.

Os procedimentos adotados no projeto demandam grande gama de conhecimento das peculiaridades locais: ciclos naturais, animais predadores, características das covas,

formas de manejo e fundamentalmente o respeito pela natureza, resumidamente descritos na programação com as seguintes etapas: proteção das matrizes no processo de desova (consiste em monitorar os habitat e os sítios de desova), translocação dos ovos (remanejar os ovos para áreas livres de enchentes e de predadores), monitoramento do período de incubação (combate ao ataque de formigas, predadores e inundações), devolução dos filhotes à natureza (os peixes predadores se dispersam por conta da cheia, hora de devolver os pequenos à natureza).

A programação consiste em uma festividade envolvendo a comunidade, contando com efetiva participação de seus membros. Os organizadores locais se esmeram em explicar as práticas de preservação desenvolvidas, não somente naquele dia, mas o que foi realizado durante o ano inteiro de trabalho, tendo como culminância aquele momento rico e prazeroso para todos os presentes. Uma verdadeira aula de cidadania e de Educação Ambiental, construída na prática, nos saberes da comunidade e no seu respeito pelo meio ambiente.

“Para mim é um orgulho ver esses animais crescendo para ser devolvidos à natureza. Ela precisa da nossa ajuda, se soltar ainda gatinha, piranha e gavião come, hoje elas já estão com o casquinho bem maduro, tem bem resistência pra ser devolvida pra natureza. Do jeito que estão já tem condições de lutar pela vida”. (Sr. Mário)

“Cuidamos com “maria mole” para ficarem madurinha e aí sim devolver pra natureza”. (Sr. Mário)

“Ali é o berçário e depois vai para encubação, Ele tira do habitat, coloca no berçário, depois incubação passa 45 dias, depois de cada cova sai tipo uns pintinhos e ficam um período de seis meses, para endurecer por conta dos predadores, piranha, traíra, jacaré, gavião. De cada mil sobrevive apenas um. É um trabalho que exige dedicação e fazemos porque sabemos da importância de preservar a natureza, dependemos dela para nossa sobrevivência”. (Sra. Joventina)

Figura 4 - Participação da comunidade na preservação da espécie



Fonte: Arquivo dos autores (2017)

Educar realmente não é tarefa fácil, mas somos otimistas, e imaginamos que práticas com essa natureza, envolvendo saberes tradicionais e recebendo apoio, mínimo que seja, do poder público podem conseguir êxito na construção de um processo educacional mais comprometido com a preservação da vida em toda sua extensão, dessa forma:

Programas de pesquisa e de educação precisam ser reelaborados para informar tanto as populações urbanas quanto as rurais (das crianças aos adultos), sobre práticas e políticas apropriadas e alternativas de manejo dos recursos. A maioria das agendas políticas e dos currículos para estudantes negligencia as percepções rurais do meio ambiente ou os sistemas tradicionais de produção alimentar e manejo dos recursos. Não aborda as dificuldades atualmente confrontadas por esses sistemas e modos de viver, ou as suas contribuições para a conservação e nossa própria sobrevivência. (GOMÉS-POMPA; KAUS, 2000, p. 138)

Neste ponto, fica claro que há necessidade de se rediscutir os currículos e práticas estabelecidas nas escolas, enquanto filosofia de trabalho, pois, em se tratando de meio ambiente, as comunidades tradicionais possuem muito a contribuir com os ensinamentos, uma vez que, conhecem o ambiente em que vivem muito mais do que qualquer outro ser humano. Ninguém melhor do que o próprio morador da comunidade para dizer o que é realmente necessário aprender.

Assim, é importante ressaltar a riqueza do encontro entre pesquisadores, que tem por vezes saberes científicos consolidados; e comunidade, cujo saber é transmitido de geração em geração. Este encontro nos permitiu compreender a incompletude do saber de

ambos os lados, portanto ao propor uma Educação voltada para o ambiente é preciso levar em consideração o diálogo com a tradição a fim de que o espaço escolar seja não só um espaço de discussão e enfrentamento das problemáticas ambientais que colocam o homem no centro da destruição, mas também um lugar onde as comunidades tradicionais possam ser aliados nas ações em prol da preservação do ambiente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerramos este trabalho, com a convicção de termos produzido um espaço de reflexão acerca dos saberes locais e suas influências na construção de concepções e práticas de preservação ambiental conectadas ao homem, reconhecendo-o como um ser capaz de conviver harmonicamente com o meio em que vive, acompanhando suas transformações e contribuindo para uma efetiva Educação Ambiental, principalmente se pensarmos em um currículo libertador, realmente capaz de atender as demandas locais, e em programas de educação ambiental que privilegiem o conhecimento da comunidade, pois este, surge de necessidades reais do convívio social, sendo, portanto, um saber na e para a vida, totalmente conectado a cultura, religiosidade e mitos do povo da região, sendo, no mínimo, negligente desconsiderar este conhecimento em nome de uma suposta ciência dos cientistas.

Talvez fosse melhor raciocinar em termos de uma ciência local, fundamentada em um aporte epistemológico com potencial para vislumbrar métodos e técnicas próprios, mais adequados a realidade vivida de seus sujeitos, já que o saber tradicional tem suas próprias regras, sua forma viva de classificar e conhecer o ambiente e suas características, reconhecendo sons e odores dos diversos animais e plantas presentes no seu habitat, além dos ciclos naturais que favorecem ou não sua sobrevivência. É com esse pressuposto que analisamos o Projeto Quelônios da Amazônia (PQA), como uma iniciativa fundamental na diminuição dos impactos ambientais, causados pela ação humana e na consequente valorização dos conhecimentos locais.

REFERÊNCIAS

CASTILHOS, J. C. et. al. Avaliação do estado de conservação da tartaruga marinha *Lepidochelys olivacea* (Eschscholtz, 1829) no Brasil. *BioBrasil: biodiversidade brasileira Revista científica*, n.1, p.26-34, 2011.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, E. M. **Pesquisa Narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Uberlândia: EDUFU, 2011.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Annablume, 2000. DIEGUES, A. C. Etnoconservação da natureza: enfoques alternativos In: DIEGUES, Antonio Carlos (org.). **Etnoconservação**: novos rumos para conservação da natureza. HUCITEC, NUPAUB – USP, São paulo, 2000. p. 1-46

GEERTZ, C. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997

_____. **A interpretação das culturas**. 1.ed., 13.. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOMÉS-POMPA, A. ; KAUS, A. Domesticando o mito da natureza selvagem. In: DIEGUES, Antonio Carlos (org.). **Etnoconservação**: novos rumos para conservação da natureza. São Paulo: HUCITEC, NUPAUB, 2000. p. 125-147

GUARIM, V. L. M. S. A educação e a sustentabilidade ambiental em comunidades ribeirinhas de Mato Grosso, Brasil. **Bol. Mus. Pará. Emílio Goeldi. Sér. Ciências Humanas**, Belém, v. 1, n. 1, p. 7-44, 2005.

MORAES, R. Uma tempestade de Luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência e Educação**. v.9, n.2, p. 191-211, 2003.

PEREIRA, I. C.; GUARIM NETO, G. **Educação ambiental no parque florestal de sinop**. Cuiabá: EdUFMT, 2009.

ROUÉ, M. Novas perspectivas em etnoecologia: “saberes tradicionais” e gestão dos recursos naturais. In: DIEGUES, Antonio Carlos (org.). **Etnoconservação**: novos rumos para conservação da natureza. São Paulo: HUCITEC, NUPAUB – USP, 2000. p. 67-79.